

A RELAÇÃO ENTRE A LINGUÍSTICA FUNCIONAL E A LINGUÍSTICA COGNITIVA

THE RELATIONSHIP BETWEEN FUNCTIONAL LINGUISTICS AND COGNITIVE LINGUISTICS

Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque **1**
Cayo Fellype de Sousa Danieli **2**

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever a relação da Linguística Funcional com a Linguística Cognitiva, apresentando os diálogos possíveis entre essas correntes linguísticas. A pesquisa apoia-se teoricamente nas contribuições de Halliday (2004), Bertoque (2010), Martelotta (2012) e Neves (1997, 2006, 2018). Adotou-se uma abordagem básica, qualitativa, com foco descritivo, exploratório e bibliográfico. Observou-se que, as mudanças nas estruturas linguísticas são explicadas por fatores comunicativos (semânticos, pragmáticos, funcionais, sociais e culturais) e cognitivos, como habilidades cognitivas gerais. A Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva conectam à sociedade por meio da construção de significados (relações cognitivas), analisando expressões linguísticas (forma e significado) sob a ótica pragmático-discursiva e cognitiva. A interseção entre esses dois campos teóricos reside em suas convergências sobre a concepção da linguagem como um processo de interação social e nos pressupostos teórico-metodológicos que vinculam a experiência, a percepção e a conceptualização do mundo aos aspectos cognitivos.

Palavras-chave: Linguística Funcional. Linguística Cognitiva. Correlação.

Abstract: This article aims to describe the relationship between Functional Linguistics and Cognitive Linguistics, presenting the possible dialogues between these linguistic approaches. The research is theoretically supported by the contributions of Halliday (2004), Bertoque (2010), Martelotta (2012) and Neves (1997, 2006, 2018). A basic, qualitative approach was adopted, with a descriptive, exploratory and bibliographic focus. It was observed that changes in linguistic structures are explained by communicative factors (semantic, pragmatic, functional, social and cultural) and cognitive factors, such as general cognitive abilities. Functional Linguistics and Cognitive Linguistics connect to the society through the construction of meanings (cognitive relations), analyzing linguistic expressions (form and meaning) from a pragmatic-discursive and cognitive perspective. The intersection between these two theoretical fields lies in their convergences on the conception of language as a process of social interaction and in the theoretical-methodological assumptions that link experience, perception and conceptualization of the world to cognitive aspects.

Keywords: Functional Linguistics. Cognitive Linguistics. Correlation.

-
- 1** Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e pós-doutoranda pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil, em parceria com Università degli Studi Roma Tre (Uniroma 3), Itália. Professora no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia (UFMT-CUA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0593363920174981>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9653-5971>. Email: lenniearyete@yahoo.com.br
 - 2** Mestrando em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7936722712563547>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8874-1960>. E-mail: cayofellype@usp.br

Introdução

Este trabalho fundamenta-se nos estudos funcionalistas e cognitivistas, integrando-os sob a perspectiva da Linguística Cognitivo-Funcional. Inicialmente, os estudos cognitivistas concentram-se em entender o conhecimento linguístico humano como parte integrante das habilidades conceituais mentais. Em contrapartida, os funcionalistas focam na análise do uso real da língua, examinando não apenas dados escritos, mas também a fala, considerando os interlocutores e os propósitos comunicativos (Maceis, 2021).

A intersecção entre essas abordagens permite uma compreensão mais abrangente e integrada da linguagem, revelando como fatores funcionais e cognitivos se entrelaçam na construção do significado e no uso linguístico.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo descrever a relação da Linguística Funcional com a Linguística Cognitiva, apresentando os diálogos possíveis entre essas correntes linguísticas. A pesquisa apoia-se teoricamente nas contribuições de Halliday (2004), Bertoque (2010), Materlotta (2012) e Neves (1997, 2006, 2018). Adotou-se uma abordagem básica, qualitativa, com foco descritivo, exploratório e bibliográfico. A análise dos dados bibliográficos consistiu em selecionar referências que discutiam sobre a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva e analisar os aspectos gerais entre as duas proposições teóricas.

O artigo está organizado em cinco seções: Primeiramente, apresentamos breve pressupostos sobre a (língua)gem. Em um segundo momento, apresentamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional (LF). Em uma terceira seção, apresentamos os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LC). Na quarta seção são apresentadas as convergências e divergências entre as duas proposições teóricas. Por fim, a última seção traz algumas considerações sobre as correntes linguísticas estudadas com reflexões importantes na área da Ciência da Linguagem.

Pressupostos sobre a (língua)gem

Desde os gregos, existe a discussão sobre linguagem (a partir da discussão sobre o “conhecimento”), passando por várias abordagens. Bertoque e Casseb-Galvão (2015) explicam que:

da noção de língua como representação do pensamento, apresentada por Aristóteles (séc. IV); do sistema abstrato de regras autônomo, também, como representação do pensamento, proposto por Saussure (1916); do dispositivo biológico de uma gramática universal (GU), apresentado por Chomsky (1957); passando pela proposta psico-cognitiva de Langacker (1972, 1986, 2008, 2009) e de Tomasello (2008, 2010), até o sistema linguístico multifuncional que intermedeia as relações sociais, defendido por Bakhtin (1920), Halliday (1989), Dik (1989) e Givón (1984, 1993, 2011), observa-se que há um *continuum* que amplia a visão de língua/linguagem e, por conseguinte, o olhar sobre as análises linguísticas (Bertoque; Casseb-Galvão, 2015, p. 125).

O termo “linguagem” tem diversos significados. É frequentemente utilizado para descrever qualquer forma de comunicação, abrangendo a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem artística, a linguagem de sinais, a linguagem escrita, entre outros. Nessa perspectiva, as línguas naturais, como o português ou o italiano, são consideradas formas de linguagem, pois servem como instrumentos para facilitar a comunicação entre membros de uma comunidade. No entanto, os linguistas geralmente estabelecem uma distinção entre os conceitos de linguagem e língua (Furtado da Cunha; Costa; Martelotta, 2012).

Ao entender a linguagem como uma habilidade, os linguistas a definem como a capacidade exclusiva dos seres humanos de se comunicarem por meio de línguas. Por outro lado, o termo “língua”

é comumente definido como um sistema de signos vocais¹ utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística (Furtado da Cunha; Costa; Martelotta, 2012). A língua desempenha duas funções distintas, mas que se complementam: (i) a organização do sistema conceptual humano e (ii) a comunicação da experiência entre indivíduos que compartilham do mesmo sistema linguístico (Tomasello, 2003). Essas funções são chamadas de “representação” e “comunicação”, respectivamente, segundo Givón (2001). Elas se complementam, pois a função comunicativa da linguagem do ser humano é moldada pelas experiências sociais.

A linguagem é um processo dinâmico e que envolve tudo o que cerca e constitui a vida humana. A partir das palavras de Halliday *et al.* (1989), entender a linguagem como um processo social não implica na exclusão dos elementos psicológicos e estéticos que também fazem parte da experiência humana. Pelo contrário, significa expandir a concepção de linguagem para englobar não apenas os aspectos cognitivos, mas também os culturais e sociais, como destacado por Neves (2006, p. 25).

Halliday (2004) faz uma proposição de metafunções da linguagem, tendo em vista o papel que a linguagem possui ao ser utilizada pelos falantes em suas experiências, elas se estabelecem simultaneamente no ato comunicativo. O autor ressalta que opta por essa nomenclatura “metafunção”, em detrimento de simplesmente “função”, por entender que “há uma longa tradição em torno das funções da linguagem em contextos em que esse termo simplesmente significa propósito ou maneira de usar a língua e não tem significância para a análise da própria linguagem” (Halliday, 2004, p. 31).²

Dessa forma, segundo o autor, “a linguagem serve, em primeiro lugar, à expressão do conteúdo, isto é, tem uma função ideacional” (Halliday, 2004, p. 30). Através dessa metafunção, instanciam-se o sistema de transitividade, o usuário da linguagem estrutura e integra na língua as vivências dos eventos, não apenas externos, mas também internos, do mundo. Portanto, essa função engloba não apenas a experiência da linguagem, mas também as conexões lógicas.

Em segundo lugar, conforme o autor, “a linguagem também serve à função interpessoal” (Halliday, 2004, p. 30) visto que o falante usa a linguagem como um instrumento de interação verbal. A função interpessoal é fundamental para que o indivíduo possa expressar, além dos papéis sociais, as atitudes e outros elementos relacionados a participação na situação de fala. Nessa metafunção, que a interação verbal se destaca, embora não seja predominante em relação às demais.

Ainda existe uma terceira metafunção fundamental para que o discurso se desenvolva. Trata-se da função textual, a qual permite a organização do discurso “capacitando o falante e o escritor a construir ‘textos’, ou passagens encadeadas de discurso que sejam situacionalmente apropriadas; capacita o ouvinte ou o leitor a distinguir um texto de um conjunto de orações” (Halliday, 2004, p. 31). Da mesma forma que a transitividade se manifesta na metafunção ideacional e o modo e modalidade se manifestam na metafunção interpessoal, os conceitos de dado e novo³ se manifestam na metafunção textual. Isso ocorre porque um termo ou expressão pode recuperar o que já foi mencionado anteriormente ou introduzir informações novas (Silva, 2005).

No quadro 1, apresenta-se uma visão dos subsistemas de organização do texto, pela visão de Halliday:

¹ É importante destacar a presença da língua de sinais, utilizada pelos surdos, na qual a comunicação não ocorre por meio de signos vocais, mas sim visuais. A maioria dos autores reconhece o sistema de comunicação dos surdos como uma língua, mesmo não sendo composto por sinais sonoros, uma vez que compartilha as características fundamentais das línguas naturais (Furtado da Cunha; Costa; Martelotta, 2012).

² Original: There is a long tradition of talking about the functions of language in contexts where ‘function’ simply means purpose or way of using language, and has no significance for the analysis of language itself (Halliday, 2004, p. 31).

³ Dik (1989) e Halliday (1985) abordam as ideias de informação já conhecida (dado) e informação nova (novo). Segundo eles, o dado é o que o falante apresenta como algo recuperável no texto ou na situação, enquanto o novo representa uma informação que é nova para o interlocutor (Silva, 2005).

Quadro 1. Subsistemas de organização do texto segundo Halliday (2004)

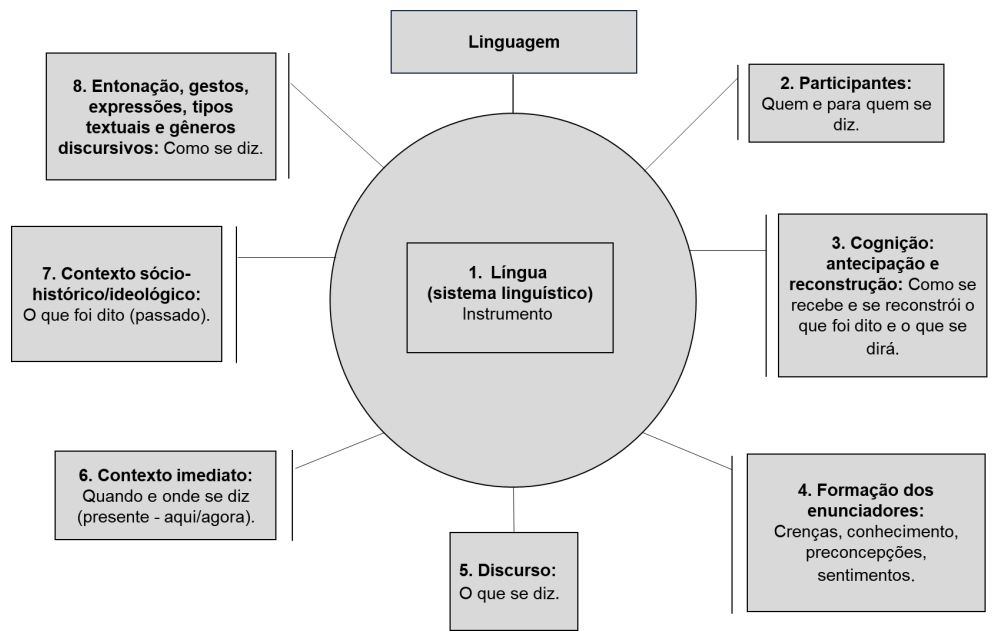
FUNÇÃO	ORGANIZAÇÃO	SISTEMA	ESTRUTURA
Ideacional	Dos significados. Construindo um modelo de experiência.	Coesão.	Estruturas de transitividade: Processos, participantes e circunstâncias.
Interpessoal	Da interação. Desempenhando relações sociais.	Relações humanas.	Estruturas de modo.
Textual	Da informação. Criando relevância para o contexto.	Estruturação da informação (dado/novo; foco).	Estruturas temáticas e informacional.

Fonte: Adaptado de Halliday (2004, p. 85) e Neves (2018, p. 142).

No campo do cognitivismo, também foram feitas considerações que analisam essa mesma visão. Entretanto, nessa abordagem, a construção do significado não precisa se manifestar obrigatoriamente no discurso, podendo a construção dos mundos natural e social ficar apenas no nível da conceptualização (Coneglian, 2015).

Bertoque (2010) esquematiza os aspectos relativos à linguagem enquanto processo de interação social, na figura 1 a seguir:

Figura 1. Linguagem como processo de interAÇÃO social



Fonte: Adaptado de Bertoque (2010, p. 18).

Do ponto de vista funcionalista, a linguagem é concebida como um processo de interação social. Nesse contexto, a língua, que compreende tanto o sistema quanto as expressões linguísticas estruturadas, desempenha o papel central como instrumento principal na interação social. Além disso, ela é uma parte fundamental da competência comunicativa⁴ envolvida nesse processo, não apenas facilitando a concretização de processos cognitivos (de representação), mas também integrando-se plenamente a todo o dinamismo da interação social (Bertoque, 2010).

Linguística Funcional (LF)

O século XX se caracterizou por uma grande mudança nos estudos do fenômeno da

⁴Capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória Neves (2018, p. 28).

linguagem, pois a passagem do Historicismo para o Descritivismo deu origem a uma nova tendência na análise de línguas naturais, conhecida como Linguística Estrutural ou Estruturalismo. Com a publicação do Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure (1857-1913) em 1916, inicia-se a Linguística Moderna, uma vez que, nesse período, passou-se a ter como foco a função que os elementos linguísticos exerciam no sistema (Fiorin, 2008 *apud* Martins, 2009, p. 19). Linguistas pós-saussurianos, influenciados pelas ideias de Saussure, passaram a considerar as línguas como entidades autônomas, independentes do uso na situação interativa do discurso.

Funcionalismo europeu

O Funcionalismo surge como um movimento dentro do Estruturalismo. As primeiras análises na linha Funcionalista são atribuídas aos membros da Escola Linguística de Praga⁵, que se iniciou no Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 pelo linguista tcheco Vilém Mathesius. Entre seus principais representantes, destacam-se Nikolaj Trubetzkoy, Roman Jakobson, Sergei Karcevskiy (russos) e René Wellek, Jan Mukařovský e Vilém Mathesius (tchecos). Esses linguistas se opunham à distinção nítida entre sincronia e diacronia, assim como à noção de homogeneidade do sistema linguístico, em relação ao ponto de vista saussuriano (Furtado da Cunha, 2012, p. 159).

Os primeiros estudos foram focados no Estruturalismo tcheco. Estes estudos levaram a uma classificação de que a língua é um instrumento de comunicação, que a impede de ser considerada como autônoma, independente, mas como uma estrutura submetida às pressões procedentes dos atos comunicativos, que influenciam a estrutura da língua e a inserem na sociedade, não somente em relação à dicotomia fonética e fonologia, mas em outros processos de construção linguística (Neves, 1997; Martelotta, 2012[2009]; Neves, 2018).

De acordo com as Thèses (1929 *apud* Neves 2006, 2018) do Círculo Linguístico de Praga “a língua é um sistema funcional no qual aparecem, lado a lado, o estrutural (sistêmico) e o funcional”. Ainda segundo a autora, a visão funcional da Escola de Praga está na definição de língua,

(...) vista como um “sistema de meios apropriados a um fim” (Thèses, 1929 *apud* Illari, 1992, p. 25), e um “sistema de sistemas” (Illari, 1992, p. 24), já que a cada função corresponde um subsistema. A Escola dedicou atenção especial à “perspectiva funcional da frase”, ou seja, à organização das palavras dentro da frase, vista esta entidade na sua função de organização da informação. A frase é reconhecida, desse modo, como uma unidade susceptível de análise não apenas nos níveis fonológico, morfológico e sintático, mas também no nível comunicativo (Neves, 2018, p. 33).

O que torna a Linguística da Escola de Praga funcionalista é a concepção de que a língua é um instrumento de comunicação. Essa função comunicativa é essencial para entender a estrutura gramatical: “a linguagem é, antes e acima de tudo, um instrumento de comunicação, e de que esse fato é central para explicar por que as línguas são como são” (Butler, 2003 *apud* Pinheiro; Ferrari, 2020, p. 597).

As contribuições da Escola de Praga podem ser resumidas no uso dos termos “função” e “funcional”, nos fundamentos teóricos básicos do Funcionalismo e nas análises que levam em conta parâmetros pragmáticos e discursivos.

Neves (2018, p. 19-26) explica que o termo “função” apresenta tamanha variedade de empregos, que se torna difícil caracterizar uma teoria linguística ao chamá-la de Funcional. A autora observa que esses termos correspondem a diferentes conceitos atribuídos por diferentes linguistas funcionalistas, sempre correlacionados ao propósito comunicativo e ao contexto discursivo. Na Escola de Praga, os termos “função” e “funcional”, embora sejam de uso corrente, não têm uma interpretação clara. Para os linguistas dessa Escola, o termo “função” tem uma concepção finalista, teleológica, ou seja, o uso da linguagem utilizado para um determinado fim.

5 Designação dada a um grupo de estudiosos que começou a atuar antes de 1930, para os quais a linguagem, acima de tudo, permite ao homem referência e reação à realidade extralinguística (Neves, 2018, p. 33).

Diante disso, pode-se dizer que, embora os termos “função” e “funcional” apresentem diversas definições, às vezes pouco claras, há um ponto em comum entre os diferentes autores: o de que esses termos somente têm sentido se for considerado o propósito comunicativo e o contexto discursivo (Neves, 2018).

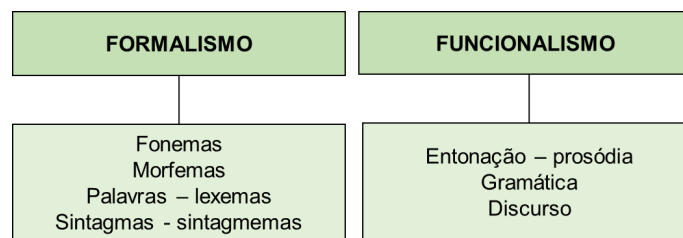
Como observado por Ivir (1987 *apud* Neves, 2018, p. 33), a aplicação desses termos não se restringe à Escola de Praga e são usados em referência a qualquer tratamento ligado aos fins a que as unidades linguísticas servem, isto é, ligado às funções dos meios linguísticos de expressão. Embora o conceito de Funcionalismo em Linguística esteja ligado em sua origem à Escola de Praga, várias outras visões “funcionais” surgiram no Ocidente e no Oriente.

Neves (2018) ressalta que o Funcionalismo também se faz representar em algumas outras correntes linguísticas pós-saussurianas da Europa no século XX. A chamada Escola de Genebra foi influenciada mais de perto por Saussure e seus principais representantes são Charles Bally, Albert Sechehaye e Henri Frei. Outra manifestação funcionalista de destaca foi a Escola de Londres, por meio das ideias de Michael K. Halliday.

Martelotta (2012[2009]) e Neves (2018), explicam que havia também um grupo holandês que visavam a análise da língua de um ponto de vista funcional, sendo representado por Simon Dik, Kees Hengeveld e Lachlan Mackenzie. Para ele, o interesse de uma Linguística funcionalista está nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas, considerando-se a estrutura sentencial, três níveis de funções inter-relacionadas: sintático, semântico e pragmático.

Para Martelotta (2012[2009]), essa alternância na abordagem estrutural, no que concerne ao estudo da língua ora como uma entidade autônoma, ora como um sistema funcional, influenciou duas grandes tendências teóricas que se fazem presentes nos estudos linguísticos, a saber: o formalismo e o funcionalismo, conforme observa-se na figura 2:

Figura 2. Subdomínios do Formalismo e do Funcionalismo



Fonte: Beaugrande, 1993 adaptado por Neves (2018, p. 55).

Beaugrande (1993 *apud* Neves, 2018, p. 55) propõe que a abordagem estruturalista em linguística, caracterizada por estudar a “língua em si mesma e por si mesma” (*langue*) e descrever cada subdomínio (“nível”, “componente”, etc.) com critérios internos, resultou em uma ênfase nos aspectos formais, enquanto os aspectos funcionais eram associados ao uso da língua (*parole*) ou à interação entre os subdomínios.

O autor argumenta que o Funcionalismo extrapolou essa abordagem, defendendo uma perspectiva mais integrativa, na qual todas as unidades e padrões da língua seriam compreendidos em termos de suas funções. Ele observa que, desde Bloomfield, o esquema formalista definiu os subdomínios, ou “níveis”, com base nas unidades da *langue*, como fonemas, morfemas, palavras ou lexemas, e sintagmas ou “sintagmemas”. Os fonemas foram situados na parte dos dados linguísticos que os pesquisadores encontram mais diretamente. Os subdomínios ou “níveis” foram implicitamente relacionados em termos de componentes, os fonemas constituindo-se em morfemas, os morfemas em palavras, as palavras em sintagmas (Neves, 2018). Surgindo um contraste entre dois esquemas, como apresentado anteriormente na figura 2.

Neves (2018) adaptou o quadro proposto por Dik (1978) em que são apresentadas as características relacionadas ao Paradigma⁶ Formal e ao Paradigma Funcional no que diz respeito: (i) à definição de língua; (ii) à sua função; (iii) ao correlato psicológico; (iv) ao sistema e ao uso que

⁶ Termo proposto para designar cada conjunto de crenças e hipóteses em interação (Neves, 2018).

se faz dele; (v) à relação entre língua e contexto; (vi) à aquisição da linguagem; (vii) aos universais linguísticos; e (viii) à relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática.

Quadro 2. Formalismo e Funcionalismo, segundo Dik (1978)

TÓPICOS	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Como conjunto de orações.	Como instrumento de interação social.
Principal função da língua	É a expressão de pensamentos.	É a comunicação, interação social.
Correlato Psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se no uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais linguísticos	São propriedades inatas do organismo humano.	Explicam-se em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, por via da semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, por via da semântica.

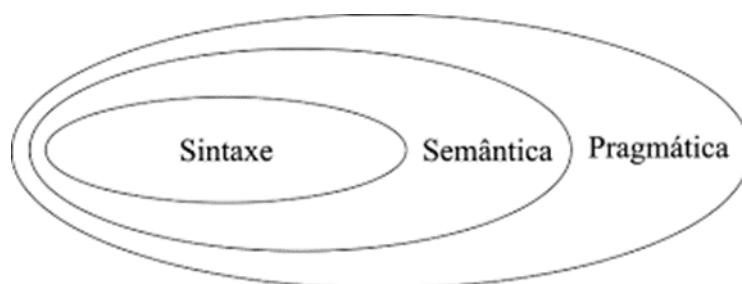
Fonte: Adaptado de Neves (2018, p. 59).

A LF enfatiza que as línguas não podem ser analisadas apenas como estruturas autônomas, separadas do uso, pois existem para estabelecer relações comunicativas entre falantes e ouvintes. Ao contrário do Estruturalismo e do Gerativismo, a LF se concentra no estudo da relação entre as estruturas gramaticais das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que são utilizadas. Os Funcionalistas compreendem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade (Neves, 1997; Martelotta, 2012[2009]; Neves, 2018).

Para Givón (1995 *apud* Neves, 2018), todos os funcionalistas assumem o postulado da não autonomia da língua: a gramática não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que ela não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução (Neves, 1997; Martelotta, 2012[2009]; Neves, 2018). Dessa forma, a língua não seria uma estrutura fixa; antes, estaria suscetível às pressões oriundas das diferentes situações comunicativas e, por isso, sua estrutura gramatical se ajustaria à intenção do falante e às motivações do ato comunicativo (Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta, 2015).

As expressões linguísticas são analisadas com base no contexto comunicativo em que são utilizadas, levando em consideração as informações disponíveis no contexto e na situação para os usuários. A sintaxe é abordada como um instrumento em relação à semântica, que, por sua vez, é instrumental em relação à pragmática, não sendo possível uma abordagem independente da sintaxe (Dik, 1989 *apud* Sperança-Crisuolo, 2014, p. 32), conforme observa-se na figura 3:

Figura 3. Relação entre sintaxe, semântica e pragmática de uma perspectiva Funcionalista



Fonte: Sperança-Criscuolo (2014, p. 32).

Dessa forma, a Linguística Funcional compreende que a gramática das línguas naturais se adequa a partir das regularidades observadas no uso efetivo da língua, explicadas com base nas condições discursivas em que se verifica a interação sociocomunicativa.

Funcionalismo norte-americano

A Linguística norte-americana, desde os estudos de Leonard Bloomfield até os dias atuais, tem forte tendência formalista, mais especificamente da Linguística Gerativa. Paralelamente, no entanto, houve uma vertente para o foco funcionalista sob influência de trabalhos de etnolinguistas e sociolinguistas, como Franz Boas, Edward Sapir, Benjamim Lee Whorf, Dwight Bolinger, William Labov e muitos outros. Apontado como um dos pioneiros da abordagem funcionalista norte-americana, Bolinger, impulsionou o Funcionalismo com suas análises de fenômenos particulares, embora não tenha avançado um esboço completo de uma Gramática Funcionalista (Martelotta, 2012[2009]; Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta, 2015; Neves, 2018).

O termo “Funcionalismo” ganhou força nos Estados Unidos da América (EUA) a partir da década de 1970, passando a servir de base para o trabalho de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper, Talmy Givón entre outros. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das mudanças do discurso.

a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída (Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta, 2015, p. 17).

Segundo Martelotta (2012[2009]), com a publicação do texto *The Origins of Syntax in Discourse: A Case Study of Tok Pisin Relatives* de Gillian Sankoff e Penelope Brown em 1976, inicia-se o desenvolvimento das ideias da escola funcionalista norte-americana. Talmy Givón, em 1979, publicou *From Discourse to Syntax: Grammar as a Processing Strategy*, texto explicitamente antigerativista, cujo propósito foi afirmar que a sintaxe existe para desempenhar certa função, e é esta função que determina sua maneira de ser. Thompson, em coautoria com Paul Hopper, publicam em 1980, *Transitivity in Grammar and Discourse* dando continuidade ao cunho Linguística Funcional (Neves, 1997; Martelotta, 2012[2009]; Neves, 2018).

Givón (1995) caracteriza a LF com algumas premissas, sendo elas:

- A linguagem é uma atividade sociocultural;
- A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- A estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- Mudança e variação estão sempre presentes;
- O sentido é contextualmente dependente e não atômico;
- As categorias não são discretas;
- A estrutura é maleável e não rígida;

- As gramáticas são emergentes;
- As regras de gramática permitem algumas exceções.

Observa-se que a corrente funcionalista contemporânea difere das abordagens formalistas, por considerar a linguagem como um sistema de interação social, buscando explicar as regularidades observadas no uso (Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta, 2015). Logo, pode-se dizer que a Linguística Funcional amplia seu alcance para além dos fenômenos estruturais, uma vez que também analisa toda situação comunicativa: “o propósito do evento de fala, seus participantes e o contexto discursivo” (Nichols, 1984 *apud* Neves, 2018, p. 18). Nesse sentido, os funcionalistas sustentam que a situação comunicativa motiva, explica e determina a estrutura gramatical, o que implica considerar que as construções gramaticais são moldadas por motivações de ordem semântica e pragmática.

No Funcionalismo, “a forma e a função linguística constituem uma inter-relação dialética” (Casseb-Galvão, 2008b, p. 6), isto é, da forma para a função e da função para a forma. A forma não é monofuncional, ela pode executar várias funções dentro do sistema e, da mesma maneira, “nem toda função corresponde a uma única forma” (Neves, 2006, p. 67). Por isso, autores funcionalistas, como Dik (1997), trabalha observando a interdependência entre os domínios pragmático, semântico e sintático.

Segundo Neves (2006), a organização das expressões linguísticas refere-se à maneira como o conteúdo do enunciado é “empacotado” pelo emissor e apresentado ao receptor. Esse empacotamento é influenciado pela forma como o usuário da língua representa os eventos do mundo por meio da estrutura linguística, visando alcançar os efeitos desejados (Bertoque, 2010).

No quadro 3, apresenta-se informações centrais resumidas, para estabelecimento da proposta da Linguística Funcional. Considerou-se à concepção de linguagem, o objeto de análise, à metodologia e os principais autores.

Quadro 3. Principais características da Linguística Funcional

LINGUÍSTICA FUNCIONAL			
CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM	OBJETO	METODOLOGIA	AUTORES
Linguagem como meio de comunicação e como processo de interação social.	Língua, uso e social: formas e multifunções. Princípios e categorias: informatividade, iconicidade, marcação, transitividade e planos discursivos e gramaticalização.	Inter-relação dos níveis de análise; relação com a Linguística Cognitiva.	Séc. XX – 1926: Roman Jakobson, Nikolai Trubetzkoy, Vilém Mathesius (Escola de Praga). Séc. XX – 1970: Michael Halliday, Simom Dik. Séc. XX – 1970: Dwight Bolinger, Talmy Givón. Séc. XX – 1980/1990: Paul Hopper, Sandra Thompson, George Lakoff, Ronald Langacker, Michael Tomasello, Maria Helena de Moura Neves.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Pode-se dizer que, a Linguística Funcional tem como pressuposto fundamental a interdependência entre as expressões linguísticas e o contexto de interação social em que elas são proferidas.

Linguística Cognitiva (LC)

A Linguística Cognitiva (LC) é uma abordagem que trata a linguagem como meio de conhecimento se relacionando com a experiência humana do mundo. As unidades e estruturas da linguagem são estudadas não como entidades autônomas, mas como expressões de habilidades cognitivas gerais, organização conceptual, princípios de categorização, de mecanismos de processamento e experiências culturais, sociais e individuais (Martelotta, 2012[2009]; Neves, 2018).

Em uma ampla concepção, o termo Linguística Cognitiva (LC) pode ser entendido como:

qualquer tratamento da linguagem como fenômeno localizado nas mentes dos falantes poderia ser descrito como cognitivo, já que as propriedades envolvidas derivam, em última análise, do comportamento de cada falante, e esse comportamento é função de seus processos cognitivos e de suas representações mentais (Taylor, 2016 *apud* Neves, 2018 p. 112).

O termo surgiu nos finais da década de 1970 e princípios da década de 1980, nos Estados Unidos da América (EUA). Concebe-se que a LC se constitua uma referência oficial a partir da publicação do livro *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind* do norte-americano George Lakoff, em 1987, e com a publicação, no mesmo ano, do primeiro volume do livro *Foundations of Cognitive Grammar* de Ronald Langacker. Somente em 1990 que a LC se institucionaliza, com a criação da *International Cognitive Linguistics Association*, (Sociedade Internacional de Linguística Cognitiva) da revista *Cognitive Linguistics*, dirigida por Dirk Geeraerts e da coleção *Cognitive Linguistics Research*, editada por René Dirven e Ronald Langacker e publicada por Mouton de Gruyter (Soares da Silva, 1997).

Foi inicialmente adotada por um grupo de estudiosos, entre os quais se destacam George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, em reação a Gramática Gerativo-Transformacional de Noam Chomsky. Esses autores concordavam com o matiz cognitivista da teoria gerativa, mas passaram a buscar um viés teórico capaz de dar conta das relações entre sintaxe e semântica (Ferrari, 2011).

A Linguística Cognitiva aborda com especial interesse tópicos como as características estruturais da categorização linguística, que englobam elementos como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais. Além disso, destaca-se o estudo dos princípios funcionais que regem a organização linguística, como iconicidade e naturalidade, bem como a análise da interface conceptual entre sintaxe e semântica. A abordagem pragmática, vinculada à experiência da linguagem em uso, também é um foco relevante, assim como a investigação da relação intrínseca entre linguagem e mente, que abrange questões relacionadas ao relativismo e aos universais conceptuais (Soares da Silva, 1997).

Segundo Soares da Silva (1997), a linguística Cognitiva é considerada cognitiva no mesmo sentido que outras ciências cognitivas, como a Psicologia Cognitiva, Neurociência, Inteligência Artificial, Antropologia e Filosofia. No entanto, a Linguística Cognitiva é mais específica, pois dedica-se exclusivamente ao estudo da linguagem como um dos meios de conhecimento. Como a linguagem é vista como parte integrante da cognição, interagindo com outros sistemas cognitivos, como percepção, atenção, memória e raciocínio, a LC valoriza a interdisciplinaridade com outras ciências cognitivas. Ela não apenas incorpora informações relevantes dessas áreas em suas teorias, mas também contribui para o estudo da cognição humana.

De acordo com Lakoff (1987), organizamos nosso conhecimento por meio de estruturas chamadas de modelos cognitivos idealizados (MCI), as estruturas de categorias e efeitos prototípicos são elementos dessa organização. Cifuentes Honrubia (1996) explica que podemos compreender os MCI como:

um tipo de base de conhecimento ou complexo conceitual estruturado em relação ao qual uma noção é caracterizada. Todas essas noções referem-se a conjuntos ramificados de estruturas que podem codificar informações proposicional;

são tentativas de fornecer um formato para a representação do conhecimento humano em modelos computacionais da mente, e isso se destina fazê-lo por meio de estruturas proposicionais convencionais em termos de situações que podem ser compreendidas (Cifuentes Honrubia, 1996, p. 52).⁷

Lakoff (1987, p. 68) identifica quatro tipos de MCI de acordo com os princípios estruturais que tratam:

1. Proposicionais: especificam elementos, suas propriedades e relações que os unem;
2. Imagens esquemáticas: especificando o esquema de certas imagens, como trajetórias, comprimentos ou formas;
3. Metafórico: em que um domínio é entendido em termos de outro;
4. Metonímica: onde um submodelo é usado para entender a categoria como um todo.

As expressões linguísticas obtêm seu significado ao serem associadas diretamente com os MCI, sendo os elementos diretamente entendidos em termos de estruturas pré-conceptuais de experiência ou indiretamente através deles por processos metafóricos ou metonímicos. Dessa forma, como pressuposto da LC, a linguagem é parte integrante da cognição humana e reflete a interação de fatores culturais, psicológicos, comunicativos e funcionais. Logo, não há separação entre conhecimento semântico (ou linguístico) e conhecimento enciclopédico (ou extralinguístico). Assim, segundo essa visão teórica, há uma relação sistemática entre linguagem, mente e experiência.

Para Bybee (2010, p. 7-8), a estrutura linguística surge da implementação de processos cognitivos de domínio geral que caracterizam a língua como um fenômeno complexo e adaptativo. A autora destaca que não pretende esgotar os processos cognitivos envolvidos na linguagem, nem nega haver processos específicos da linguagem que podem ser descobertos futuramente. Vejamos os processos cognitivos abordados pela autora:

Categorização: A similaridade ou correspondência de identidade que ocorre quando elementos são reconhecidos e relacionados a representações armazenadas. As classes gramaticais são concebidas como conjuntos categoriais prototípicos.

Chunking ou encadeamento: O processo no qual sequências de unidades que são utilizadas em conjunto se unem para constituir unidades mais complexas, tanto em termos de conteúdo quanto de forma;

Memória enriquecida: Memória enriquecida refere-se ao armazenamento mental dos detalhes de experiências anteriores, a memória para formas linguísticas é representada por meio de exemplares, fundamentados em ocorrências consideradas como idênticas (relacionado à categorização e analogia);

Analogia: O processo no qual novas declarações são formuladas com base em declarações de experiências já estabelecidas, que funcionam como modelos para novos usos; e

Associação Transmodal: Conexão que estabelece a ligação entre o conteúdo e a forma, fundamentada na premissa de que experiências simultâneas têm propensão para se associarem cognitivamente.

Existem algumas propostas que ilustram a tendência de análises gramaticais de base cognitivistas, a saber: Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), Teoria dos Espaços Mentais (TEM), Teoria das Construções Gramaticais (TCG) e Linguística Centrada no Uso (LCU).

No quadro 4, apresenta-se informações centrais resumidas, para estabelecimento da proposta da Linguística Cognitiva. Considerou-se à concepção de linguagem, o objeto de análise, à metodologia e os principais autores.

⁷ Original: "Podemos entenderlo como un tipo de conocimiento base o complejo conceptual estructurado relativo al cual una noción es caracterizada. Todas estas nociones se refieren a conjuntos de estructuras ramificados que pueden codificar información proposicional; son intentos de proveer un formato para la representación del conocimiento humano en modelos computacionales de la mente, y ello pretenden hacerlo mediante estructuras proposicionales convencionales en términos de las situaciones que pueden ser comprendidas" (Cifuentes Honrubia, 1996, p. 52).

Quadro 4. Principais características da Linguística Cognitiva

LINGUÍSTICA COGNITIVA			
CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM	OBJETO	METODOLOGIA	AUTORES
Linguagem como expressão de pensamento, como meio de comunicação e como processo de interação social.	Linguagem, mente e sociedade: <i>frames</i> e <i>constructos</i> mentais; expressões linguísticas, conceptualização.	Na análise, consideram-se: as construções (sequências/ associação) ou unidades construcionais (léxico e sintaxe); Teoria da Metáfora Conceptual; Teoria dos Espaços Mentais; Teoria das Construções Gramaticais; e Linguística Centrada no Uso.	Séc. XX – 1980: George Lakoff, Mark Johnson, Gilles Fauconnier, Charles Fillmore, Ronald Langacker. Séc. XX – 1990: Leonard Talmy, Adele Goldberg, José Luis Cifuentes Honrubia. Séc. XXI – 2000: Talmy Givón, William Croft, Joan Bybee, Lilian Ferrari, Maria Helena de Moura Neves.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Da combinação desses dois paradigmas linguísticos apresentados, a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva, resultam envolvimento teórico e características analíticas que, especialmente nos últimos anos, têm sido agrupados sob o termo Linguística Cognitivo-Funcional (Nuyts, 2007). Esses paradigmas apresentam pontos de convergência e de divergência, que serão discutidos no próximo subitem.

Convergências e divergências entre a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva

Para Nuyts (2007) é complexo estabelecer uma real fronteira (convergências e divergências) entre a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva. Enquanto Tomasello (1998, 2003, 2007 *apud* Neves, 2018) considera as direções em conjunto funcionais e cognitivas, ao estudar processos de cognição social dando ênfase no uso da língua e na aquisição da linguagem.

Podemos dizer que, o principal ponto de divergência entre esses paradigmas reside na ênfase dada à investigação dos domínios da linguagem. O cognitivismo foca, sobretudo, na análise da estrutura semântica da língua, abrangendo processos como categorização, esquematização e organização conceptual de entidades. Já o funcionalismo concentra-se na análise da estrutura linguística, que integra os componentes sintático, semântico e pragmático da gramática da língua (Neves, 2018).

Partindo da ideia de que a linguagem é, primordialmente, um instrumento de comunicação, o objetivo da pesquisa linguística passa a ser a compreensão do que isso significa em termos de organização da infraestrutura cognitiva que possibilita a produção e interpretação da linguagem e de como essa infraestrutura se localiza na mente humana (Nuyts, 2002, p. 434). Dessa forma, destaca-se a preocupação com a “vivência da linguagem”⁸. No funcionalismo, essa vivência refere-se ao uso da língua em variados contextos comunicativos socioculturais; no cognitivismo, a “vivência” é a emergência da língua a partir do sistema conceptual que a organiza (Coneglian, 2015).

Tanto os funcionalistas quanto os cognitivistas compartilham a noção de comunicação, embora cada paradigma tenha suas abordagens específicas. De modo geral, a comunicação é entendida como a verbalização da experiência entre indivíduos de uma mesma comunidade linguística, utilizando símbolos linguísticos criados de forma intersubjetiva (ou mútua) (Coneglian,

⁸ Termo utilizado por Neves (2010) para valorizar a vivência da linguagem na análise linguística (Coneglian, 2015).

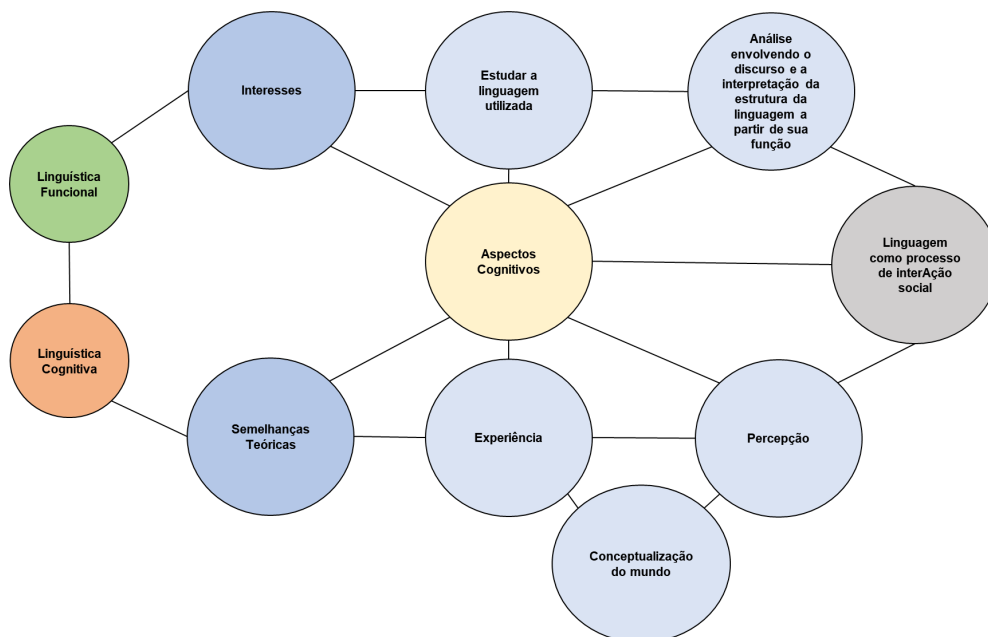
2015). Dik (1997) descreveu o processo comunicativo, que ele chama de interação verbal, como uma atividade estruturada na qual os falantes da língua constroem e reconstróem mutuamente suas informações pragmáticas, formando seu conhecimento de mundo.

O ponto central de convergência entre o funcionalismo e o cognitivismo, do qual todos os outros aspectos derivam, é a exclusão da ideia de que a língua é um sistema independente. Em outras palavras, a língua não pode ser descrita, explicada ou analisada de forma independente, pois ela é um sistema que surge naturalmente da comunicação e da cognição, sendo moldada por esses processos (Givón, 1995). Na sua forma mais extrema, essa noção de autonomia implica não apenas a separação entre língua, comunicação e sistemas cognitivos, mas também, como consequência, a existência de um conjunto de elementos puramente gramaticais necessários para a descrição sintática (Langacker, 2013). Dessa forma, pode-se dizer que a linguística cognitiva adota uma abordagem baseada no uso, fundamentando-se na ideia de que o sentido é construído com base no contexto.

De maneira geral, a LF e a LC ampliam o âmbito dos estudos linguísticos além dos fenômenos estruturais, destacando-se, assim, por suas perspectivas distintas. Enquanto analisa a estrutura gramatical, semelhante às gramáticas estrutural e gerativa, essas abordagens também examinam a totalidade da situação de comunicação: o propósito do evento de fala, seus participantes e o contexto discursivo. Segundo essas proposições, a situação comunicativa influencia a estrutura gramatical, indicando que uma abordagem estrutural ou formal não apenas se limita a dados artificiais, mas é inadequada como análise estrutural. Em outras palavras, no uso da língua, certos aspectos de natureza comunicativa e cognitiva são ativados, e, para compreender o funcionamento da linguagem humana, é necessário levar em consideração esses elementos (Martelotta, 2012).

Ao comparar o funcionalismo e o cognitivismo, Nuyts (2007, p. 549) conclui que, embora esses paradigmas se diferenciem em alguns “princípios filosóficos”, não há razões suficientes para considerar os benefícios distintos. Dessa forma, ele define o princípio fundamental da investigação linguística cognitivo-funcional: nessa perspectiva, a linguagem não é separada da experiência cotidiana nem do sistema conceptual humano. Na figura 4, apresentam-se os interesses e as semelhanças teóricas entre LF e LC:

Figura 4. Interesses e Semelhanças Teóricas da LF e LC



Fonte: Elaboração própria (2024).

Conforme apresentado na figura 4, tanto a Linguística Funcional quanto a Linguística Cognitiva compartilham o interesse em estudar a linguagem em uso, analisando o discurso e interpretando a estrutura da linguagem a partir de suas funções. Essas duas abordagens teóricas

conectam a linguagem à sociedade por meio da construção de significados (relações cognitivas), envolvendo assim a análise de expressões linguísticas (forma e significado) sob a ótica pragmático-discursiva e cognitiva. A interseção entre esses dois campos teóricos reside em suas convergências sobre a concepção da linguagem como um processo de interação social e nos pressupostos teórico-metodológicos que vinculam a experiência, a percepção e a conceptualização do mundo aos aspectos cognitivos.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo descrever a relação da Linguística Funcional com a Linguística Cognitiva, apresentando os diálogos possíveis entre essas correntes linguística. Foram analisados os aspectos gerais entre as duas proposições teóricas por meio de dados bibliográficos que discutiam sobre as duas vertentes.

Verificou-se que, ambas as abordagens têm interesse profundo no significado da linguagem e como ela é usada na comunicação humana. Elas reconhecem que a linguagem desempenha um papel fundamental na expressão de significado e na interação social. Tanto a LF quanto a LC consideram o uso da linguagem em contextos reais de comunicação como uma parte importante de sua análise. Ao relacionar essas duas teorias, estabelecendo uma investigação baseada no uso linguístico, as análises tornam-se mais robustas, pois a pesquisa direciona sua atenção para aspectos mais abstratos da língua, tornando-se crescentemente relevante buscar explicações sobre a arquitetura linguística na mente dos falantes.

Seguindo uma perspectiva cognitivo-funcional, a gramática é a representação da experiência com a linguagem por meio de processos cognitivos. Dessa forma, a língua transcende sua função meramente instrumental mediadora do conhecimento; ela desempenha um papel essencial nas interações sociais, na construção do saber, na preservação da cultura e na formação da identidade.

Por fim, observou-se que a linguagem é um processo de interação social e, enquanto parte da identidade humana, é um fenômeno extremamente complexo, que demanda uma abordagem interdisciplinar. Nesse sentido, ressaltamos a importância de relacionar a Ciência da Linguagem, especialmente a Linguística Funcional com a Linguística Cognitiva.

Referências

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **A funcionalidade de construções de voz em títulos de notícia e em manchetes de jornais impressos**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. Aspectos Biofisiológicos no Processo Funcional da Linguagem. *In: RESENDE, Briseida Dôgo de et al. (Org.). Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar*. Itália: Pensa Multi Mídia, 2015, p. 119-139.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: University Press, 2010.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Roteiro de aulas da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás**. Goiânia-GO: [s/n]. 2008b.

CIFUENTES HONRUBIA, José Luis. **Gramática Cognitiva: Fundamentos Críticos**. Madrid: Eudema, 1996.

CONGLIAN, André Vinícius Lopes. **Os juntivos causais e concessivos do português brasileiro na perspectiva cognitivo-funcional: uma análise da ligação conceptual dos elementos gramaticais em uso nessa zona adverbial**. 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

DIK, Simon. **The theory of functional grammar**. Part 1: The Structure of the Clause. Ed. By Kees Hengeveld. - [Ausg. in Schriftenreihe]. - Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2011.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). **Manual de Linguística**. 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). **Manual de Linguística**. 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Linguística Funcional: teoria e prática**. 1.ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**. 2 vols. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2. ed. [s/l.] Oxford University Press, 1989.

LANGACKER, Ronald. **Essentials of cognitive grammar**. Oxford: OUP, 2013.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**. University of Chicago Press, Chicago, 1987.

MACEIS, Valéria Adriana. Análise do par correlativo proporcional “quanto mais...mais” e similares à luz da perspectiva cognitivo-funcional. *In*: GIL, Beatriz Daruj *et al.* **Pesquisas em filologia e língua portuguesa**. vol. 1. São Paulo: FFLCH/USP, 2021.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). **Manual de Linguística**. 2.ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Ana Paula Pereira. Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. **Revista Eletrônica de Linguística**, Ano 3, nº 2, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática Funcional: Interação, discurso e texto**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

NUYTS, Jan. Grounding and the system of epistemic expressions in Dutch: a cognitive functional view. *In*: BRISARD, Frank. **Grounding: the epistemic footing of deixis and reference**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.

NUYTS, Jan. Cognitive linguistics and functional linguistics. *In*: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: OUP, 2007.

PINHEIRO, Diogo; FERRARI, Lilian. Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de

Construções: Mapeando o Campo das Abordagens Cognitivo-Funcionais. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, Volume 16, Número Especial Comemorativo, p. 595-621, 2020.

SILVA, Leosmar Aparecido da. **Os usos do “até” na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização**. 2005. 187 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

SOARES DA SILVA, Augusto. A Linguística cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *In: Revista Portuguesa de Humanidades*, vol. 1, Fases 1-2. Lisboa, Portugal: **Revista Brotéria**, 1997. p. 59 – 101.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. **Funcionalismo e cognitivismo na sintaxe do português: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2014.

TOMASELLO, Michael. **Constructing a language: a usage-based approach to language acquisition**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

Recebido em 18 fevereiro 2024.

Aceito em 26 maio 2024.